

Lenin e a fase monopolista/imperialista do capitalismo

Paulo de Tarso Presgrave Leite Soares¹

231

Muitos louvam o Lenin.
Muitos o leram? Não!
Seria melhor se o louvassem menos,
mas o lessem mais².

1. Primeiras palavras

O presente texto não reivindica qualquer originalidade, ao contrário, a intenção é ser uma reprodução a mais perfeita possível da obra de um autor marcante na minha vida acadêmica e política. Que não se assuste o leitor, mas o recurso a inúmeras transcrições faz parte dessa tentativa de ortodoxia. Que não se confunda ortodoxia com dogmatismo.

Quando o tema é a que talvez seja a mais famosa obra do Lenin sobre Imperialismo, o 'clássico' "O imperialismo, fase superior do capitalismo (ensaio popular)"³, cabe desde logo chamar a atenção para o que Francisco Weffot⁴ apontou sobre o objetivo da obra. Num texto criticando o uso do livro do Lenin como base para uma teoria de desenvolvimento, Weffort ressaltou que a obra foi escrita com a intenção principal de explicar a guerra

¹ Professor da FEA/USP, Canal no Youtube: Marx – sem ilusões. | ptsoares@usp.br

² Adaptação livre da Epígrafe de Kautsky que foi reproduzida em: Lênin, W. I. **Quienes son los <amigos del pueblo> y como luchan contra los socialdemócratas?** Respuesta a los artículos de Russkoie Bogatsvo contra los marxistas, in Escritos Económicos (1892-1899), vol. II, 2a. ed. Madrid/México: Siglo Veintiuno, 1979.

³ LENIN, Wladimir I. (1979). **O imperialismo, fase superior do capitalismo (ensaio popular)**. in Obras Escolhidas, Tomo I. São Paulo: Alfa-Ômega.

⁴ Weffort, Francisco. – "Notas sobre a teoria da dependência: teoria de classe ou ideologia nacional?", in O populismo na política brasileira, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.180.



e denunciar a formação de uma aristocracia operária⁵, denunciada como aliada ideológica da oligarquia financeira, da camada de parasitas típica da fase monopolista do capitalismo. Sim, a obra foi escrita em 1916, em meio a Guerra que devastava a Rússia. Era natural que essas fossem as preocupações maiores de Lenin. Uma preocupação tão grande que o levou a uma aliança operário-camponesa, a uma aliança com uma classe que ele tanto desprezava. Lenin saudava a desintegração do campesinato, comemorava sua transformação em burguesia ou em proletariado, esta sim a única classe verdadeiramente revolucionária⁶. Tentei deixar isso ficar nítido em um trabalho anterior⁷. Ao contrário do que o marxista vulgar pensa, a aliança operário-camponesa era tática e não estratégica⁸. Os posteriores confrontos do Stalin com os camponeses são facilmente compreensíveis, quase previsíveis.

Isso implica que o texto do Lenin perdeu utilidade? Decididamente, não! Desde logo porque Lenin enfatizava que o imperialismo é uma fase do desenvolvimento do capitalismo e ainda estamos nessa fase. Não é demais insistir. O imperialismo, para o Lenin, é uma fase do desenvolvimento do capitalismo. A guerra e a aristocracia operária são características dessa fase. O “Imperialismo”, do Lenin, tem muitas coisas mais para nos ensinar.

O ponto do imperialismo como fase do desenvolvimento do capitalismo foi deixado explícito no Prefácio que Lenin escreveu para o livro de Bukharin sobre o mesmo tema. Ali ele disse que o **valor científico** do “O

⁵ Ainda que a observação de Weffort sobre a intenção mais importante da obra do Lenin seja absolutamente pertinente, é difícil não ver uma “inspiração leniniana” na obra clássica de CARDOSO, Fernando Henrique & FALETTI, Enzo, **Dependência e desenvolvimento na América Latina: Ensaio de interpretação sociológica**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

⁶ Lenin ficava indignado quando, ao invés de se falar em desintegração do campesinato, se falava em diferenciação do campesinato, pois essa era uma maneira solerte de induzir ao erro de que essa era uma camada social que não desapareceria com o avanço do capitalismo no campo.

⁷ SOARES, Paulo de Tarso Presgrave Leite. **Um estudo sobre Lenin e as defesas da reforma agrária no Brasil**. Tese de Doutorado (Economia) São Paulo: FEA/USP, 1992, disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-01062007-173056/pt-br.php>>.

⁸ Causa-me arrepios ver defensores da reforma agrária venerando Lenin. Ao que parece, a compreensão dessa gente se limita a ter ouvido falar na tal <aliança operário-camponesa>, à qual impensadamente foi acrescentada uma categoria, a estudantil.



imperialismo e a economia mundial - esboço econômico⁹ está principalmente em examinar os fatos essenciais da economia mundial no tocante ao **imperialismo como um estágio** determinado do capitalismo, em seu mais alto nível de desenvolvimento.

Um outro ponto relevante, nesta Introdução, é entender o sentido em que Lenin entende o termo <<superior>>, é entender o que o Lenin estava querendo dizer quando se referia à <<fase superior do capitalismo>>. O superior não significa melhor, como vulgarmente se entende o termo na obra do Lenin. Ele usou a expressão <fase superior> para fugir da censura do Tzar. A fase imperialista do capitalismo é uma fase em que a desagregação do capitalismo está mais acentuada, mas avançada. Note-se. A fase superior não é a do capitalismo e sim a da degradação do capitalismo. A fase monopolista/imperialista é a antessala de um regime superior, é uma fase de transição para o socialismo.

Assim, o foco da leitura, hoje, deve ser no conjunto de fatores que caracterizam a decomposição e o parasitismo do capitalismo. Monopolismo, fase de decomposição porque nela o capitalismo perde seu mais importante estímulo ao progresso técnico e, portanto, sua maior fonte de dinamismo. Traduzido para termos mais populares, que fazem sucesso entre a burguesia, é uma fase em que não faz mais sentido falar-se em “empresário schumpeteriano” como motor do capitalismo. Imperialismo, fase de parasitismo, não confundido com estagnação, mas como forma de ressaltar a separação entre a produção/gestão e a propriedade, de destacar o fato do capitalismo ser comandado por uma camada social sem ligação direta com a produção, por uma camada social parasitária. O parasita anterior era o rentista proprietário de terras, o parasita da fase monopolista é o rentista proprietário de ações de empresas. A guerra e a aristocracia operária são apenas um dos traços dessa decomposição e parasitismo do capitalismo.

2. A definição de imperialismo

A transcrição da definição completa de imperialismo ajuda a mostrar a sequência do raciocínio, a mostrar a lógica do Lenin. O imperialismo: a) é o capitalismo na fase de desenvolvimento; b) em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro; c) adquiriu marcada

⁹ BUKHARIN, Nikolai I. **O imperialismo e a economia mundial - esboço econômico**. 3a. ed. São Paulo: Nova Cultural (Os economistas), [1915-1988].



importância a exportação de capitais; d) começou a partilha do mundo pelos trusts internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes” (pp. 641/42).

3. Domínio dos monopólios: processo de monopolização do capitalismo

“A transformação da concorrência em monopólio, disse o Lenin, constitui um dos fenômenos mais importantes – para não dizer o mais importante – da economia do capitalismo dos últimos tempos” (p. 588). Esse processo de monopolização foi iniciado na década de 1860, teve seu primeiro grande surto nas décadas de 1870 e 1880 e se consolidou entre o final do século XIX e o início do século XX.

O motor desse processo de monopolização do capitalismo é a livre concorrência capitalista. O monopólio, disse o Lenin, nasce da livre concorrência e a ela se opõe, é o seu inverso (p. 641).

Note-se que Lenin não explica, apenas registra que a livre concorrência cria a grande produção. Cabe, então, expor o com base em que ele fez tal afirmativa. Em obras anteriores, no igualmente ‘clássico’ “O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: a formação do mercado interno para a grande indústria”¹⁰, no “Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura”¹¹ e no “O capitalismo na agricultura: O livro de Kautsky e o artigo do Senhor Bulgákov”¹², Lenin trata da superioridade da grande produção. Juntando-se isso com o que ele diz no “Imperialismo”, constrói-se a seguinte lógica: a livre concorrência capitalista leva ao uso da grande produção que, devido à sua superioridade técnica, comercial e financeira, elimina a pequena, substitui a grande produção por outra ainda maior, concentrando a produção e o capital a tal ponto que do seu seio surgiu e surge o monopólio. A monopolização da economia, o domínio da sociedade

¹⁰ Lênin, W. I. - **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: O processo de formação do mercado interno para a grande indústria**, São Paulo, Abril Cultural: Coleção “Os Economistas”, 1982.

¹¹ Lênin, W. I. - **Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura**, São Paulo, Brasil Debates: Coleção Alicerces, 1980.

¹² Lênin, W. I. - **O capitalismo na agricultura: O livro de Kautsky e o artigo do Senhor Bulgákov**, in A Questão Agrária, orgs. José Graziano da Silva e Verena Stolcke, São Paulo, Brasiliense, 1981.



pelos monopólios, resulta da livre concorrência e da superioridade da grande produção.

4. Capital financeiro: culminação do processo de monopolização

No bojo desse processo de triunfo da grande produção, de monopolização de toda a economia, surge o capital financeiro. A incompreensão generalizada do que é capital financeiro requer que se recorra literalmente ao que Lenin disse:

<<Uma parte cada vez maior do capital industrial – escreve Hilferding – não pertence aos industriais que o utilizam. Podem dispor do capital unicamente por intermédio do banco, que representa, para eles, os proprietários desse capital>>. << Por outro lado, o banco também se vê obrigado a fixar na indústria uma parte cada vez maior do seu capital. Graças a isto, converte-se, em proporções crescentes, em capitalista industrial>>. << Este capital bancário – por conseguinte capital sob a forma de dinheiro -, que por esse processo se transforma de facto em capital industrial, é aquilo a que chamo capital financeiro>>. << Capital financeiro é o capital que se encontra à disposição dos bancos e que os industriais utilizam>> (p. 610).

Uma leitura atenta, rigorosa, do que foi escrito por Lenin leva às seguintes considerações: se o capital financeiro é o capital que, na forma de dinheiro, está à disposição dos bancos e os industriais utilizam, se o capitalista se converte em proporções crescentes em capitalista industrial, não faz sentido enxergar um conflito entre o capital financeiro e o capital industrial, entre bancos e indústria, entre setor produtivo e setor não-produtivo. Extrai-se daí a perda de significado, de relevância, da distinção entre capital industrial e capital não industrial. Extrai-se que, em substituição a esses dois tipos surgiu um novo tipo de capital, o capital financeiro, que não é industrial e nem não-industrial, que é simultaneamente capital industrial e capital não-industrial. Extrai-se também que a fusão relevante entre o capital produtivo e o capital não-produtivo não se dá na propriedade do capital e sim no ritmo e na dinâmica da aplicação desse capital que se constitui como capital financeiro. O traço principal não é o dono do banco tornar-se também dono da indústria e sim que os movimentos do banco e da indústria têm os mesmos determinantes, estão atrelados, fundidos.



5. Principais traços do imperialismo: decomposição do capitalismo

Dois são os traços principais da fase monopólica do desenvolvimento do capitalismo: o traço da decomposição e o do parasitismo. Tratemos primeiro do traço, o da decomposição do capitalismo.

O capitalismo, na sua fase monopólica, entra em decomposição porque, com o domínio monopólio sobre a sociedade, o dinamismo da economia perde seu principal estímulo, que é o estímulo do progresso técnico. Lenin disse que, <<**como todo monopólio, o monopólio capitalista gera inevitavelmente uma tendência para a estagnação e para a decomposição**>> (p. 649).

Antes de continuar, é preciso chamar a atenção para uma impropriedade na afirmativa acima, que junta estagnação com decomposição, dando a ideia de que são sinônimos.

Lenin, no decorrer da obra, disse que sob o capitalismo não se consegue eliminar totalmente a competição, a concorrência entre os capitalistas:

<<Naturalmente que, sob o capitalismo, **o monopólio não pode nunca eliminar do mercado mundial, completamente e por um período muito prolongado, a concorrência** [...] Naturalmente, a possibilidade de diminuir os gastos de produção e aumentar os lucros, implantando aperfeiçoamentos técnicos, actua a favor das modificações>> (p. 650);

Na fase monopolista/imperialista do capitalismo, o dinamismo da economia não é totalmente eliminado, mas acentuadamente reduzido.

<<Naturalmente, a possibilidade de diminuir os gastos de produção e aumentar os lucros, implantando aperfeiçoamentos técnicos, actua a favor das modificações. **Mas a tendência para a estagnação e para a decomposição, inerente ao monopólio, continua por sua vez a operar e em certos ramos da indústria e em certos países há períodos em que consegue impor-se**>> (p. 650, os grifos são meus).

Assim, ao invés de estagnação total, na fase monopolista/imperialista do desenvolvimento do capitalismo, o que há é uma acentuação da disparidade do crescimento entre os países e uma acentuação das oscilações da economia mundial.



<<**Seria um erro pensar que esta tendência para a decomposição exclui o rápido crescimento do capitalismo.**

Não; em certos ramos industriais, certos sectores da burguesia, certos países, manifestam, na época do imperialismo, com maior ou menor intensidade, quer uma quer outra dessas tendências (p. 668).

No seu conjunto, o capitalismo cresce com uma rapidez incomparavelmente maior que antes, mas este crescimento não é só cada vez mais desigual como a desigualdade se manifesta também, de modo particular, na decomposição dos países mais ricos em capital (Inglaterra)>>(p. 668).

A contradição entre <estagnação> e <decomposição> é evidente. Decomposição não deve ser entendida como estagnação e sim como uma mudança profunda e negativa no modo como o capitalismo passa a funcionar na sua fase monopolista.

Ainda no que se refere ao uso inadequado do termo <estagnação>, é preciso chamar a atenção para a imensa distância entre Lenin e Rosa de Luxemburgo, cuja análise (errada) embasa as teses do subconsumo como entrave ao crescimento do capitalismo. Um entrave que decorre da alegada dificuldade para realização da mais-valia, da chamada má distribuição de renda. Lenin, no “Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia”, disse que o tamanho do mercado era dado pela divisão social do trabalho, que dependia da divisão técnica do trabalho, que era infinita. Assim, no capitalismo, não há limites para a expansão do mercado. A ilimitada divisão do trabalho, que faz inexistente a limitação para o tamanho do mercado, é concernente à produção e não ao consumo. O mercado de bens de consumo é irrelevante para o tamanho do mercado. O principal mercado do capitalismo era o de bens de produção. Se o limite para o crescimento do capitalismo, para Lenin, não está no mercado, como dizem os luxemburguistas e os populistas, não haverá então limite para o desenvolvimento do capitalismo?

O que dificulta o crescimento do capitalismo não é a má distribuição de renda e sim a queda na taxa de lucro decorrente da livre concorrência capitalista e da superioridade da grande produção, que leva à enorme concentração e centralização do capital, que leva ao monopólio, ou seja, leva à acentuada elevação da composição orgânica do capital. O que dificulta o crescimento ilimitado do capitalismo, ao fim e ao cabo, é a queda na taxa de lucro. Não é demais insistir. Embora subjacente, a queda da taxa de lucro está presente por toda a obra do Lenin sobre o *Imperialismo*.



Mas historicamente a modernização não foi uma maneira de compensar essa queda na taxa de lucro? É aqui que entra um ponto fundamental na análise do Lenin. Estamos entrando na parte da decomposição do capitalismo. Uma fase em que as coisas já não funcionam como na fase concorrencial. Uma fase em que o estímulo ao progresso técnico se vê fortemente reduzido. Uma fase em que a modernização tecnológica deixa de ser um instrumento da competição para ser um instrumento da defesa do monopólio. O que propicia isso? Os preços de monopólio:

<<Na medida em que se fixam preços monopolistas, ainda que temporariamente, **desaparecem até certo ponto as causas estimulantes do progresso técnico** e, por conseguinte, de todo o progresso, de todo o avanço, **surgindo assim, além disso, a possibilidade económica de conter artificialmente o progresso técnico**>> (p. 649, os grifos são meus).

Ao invés de introduzir imediatamente a inovação técnica na produção, para derrotar a concorrência, ela serve como instrumento para impedir a entrada de novos concorrentes no mercado. A redução da velocidade com que a inovação é introduzida na produção faz com que o dinamismo do capitalismo seja reduzido.

A fase monopolística, portanto, é uma fase de desarranjo do capitalismo, de decomposição do capitalismo. Na fase imperialista, o capitalismo não funciona mais 'lubrificado'. Por decomposição deve-se entender um modo operante diferente daquele da fase anterior do desenvolvimento do capitalismo, da fase competitiva do capitalismo, da fase em que as regras do jogo geram um inegável dinamismo ao capitalismo.

Diferentemente da fase concorrencial, em que os lucros vêm da aplicação de capital dinheiro na compra de força-de-trabalho, de insumos e equipamentos de produção, na fase monopolista os lucros vêm majoritariamente da especulação, das maquinações financeiras. Disse o Lenin:

<<Não é o comerciante que, valendo-se da sua experiência técnica e comercial, sabe determinar melhor as necessidades do comprador, encontrar e, por assim dizer, 'descobrir' a procura que se encontra em estado latente, aquele que consegue os maiores êxitos, mas o gênio(?) especulativo que



antecipadamente sabe ter em conta ou, pelo menos, pressentir o desenvolvimento no terreno da organização, a possibilidade de se estabelecerem determinados laços entre as diferentes empresas e bancos>> (p. 594);

Maquinações financeiras são ganhos obtidos fora da produção, ganhos que não são obtidos com a exploração da força-de-trabalho, que não são gerados imediatamente, diretamente, na geração de mais-valor. Maquinações financeiras são ganhos obtidos especialmente com a redistribuição do mais-valor já gerado. Na maquinação financeira está rompida a relação exclusiva entre o seu ganho e a sua contribuição para o produto social.

Mas não são só os preços de monopólio e as fusões e aquisições que compensam a redução da taxa de lucro fruto da elevação da concentração e da centralização da produção e do capital do monopólio.

A exportação de capital também é um fenômeno importantíssimo na fase monpólica/imperialista do capitalismo. Disse o Lenin:

<<No limiar do século XX assistimos à formação de monopólios de outro género: primeiro, uniões monopolistas de capitalistas em todos os países de capitalismo desenvolvido; segundo, situação monopolista de uns poucos países riquíssimos, nos quais a acumulação do capital tinha alcançado proporções gigantescas. Constituiu-se um enorme <<excedente de capital>> nos países avançados>> (p. 621).

<<O que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de **mercadorias**. O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de **capital**>> (p. 620).

As exportações de capital compensam a queda na taxa de lucro. Disse o Lenin:

<<Enquanto o capitalismo for capitalismo, o excedente de capital não é consagrado à elevação do nível de vida das massas do país, pois significaria a diminuição dos lucros dos capitalistas, mas ao **aumento desses lucros através da exportação de capitais** para o estrangeiro, para os países atrasados.>> (p. 621).



Note-se que, mais uma vez, há uma enorme diferença entre Lenin e Rosa de Luxemburgo/populistas. O que move a exportação de capitais, para Lenin, não é a dificuldade para a realização do mais-valor, como para Luxemburgo/populistas, não é a busca por novos mercados, não é a criação de novos mercados, de mercados ditos externos ao capitalismo, não é a incorporação ao capitalismo de zonas fora dele. Contrariamente ao que disse a Rosa de Luxemburgo, disse o Lenin, a exportação de capital se dá para países já incorporados ao capitalismo:

<<A possibilidade da exportação de capitais é determinada pelo facto de uma série de países atrasados terem sido **já incorporados na circulação do capitalismo mundial**, terem sido construídas as principais vias férreas ou iniciada sua construção, terem sido asseguradas as condições elementares para o desenvolvimento da indústria, etc>> (p. 622).

O que move a exportação de capitais para os países já incorporados à órbita do capital, disse o Lenin, são as maiores taxas de lucro nestes países:

<<Nestes países atrasados o lucro é em geral elevado, pois os capitais são escassos, o preço da terra e os salários relativamente baixos, e as matérias-primas baratas>> (p. 622).

Cabe aqui chamar a atenção para mais uma interpretação errada do Lenin, aquela que o vê como base para o tal <imperialismo sangue-suga>, bem ao gosto da Teoria da Dependência, que dispensa maiores comentários sobre autores e obras.

Note-se o que escreveu o Lenin:

A exportação de capitais repercute-se no desenvolvimento do capitalismo dentro dos países em que são investidos, acelerando-o extraordinariamente. Se, em consequência disso, a referida exportação pode, até certo ponto, ocasionar uma estagnação do desenvolvimento nos países exportadores, isso só pode ter lugar em troca de um alargamento e de um aprofundamento maiores do desenvolvimento do capitalismo em todo o mundo. (p. 623)¹³.

¹³ Assim, ainda que as referências do Lenin aos países ditos periféricos sejam absolutamente escassas e passageiras, pode-se cogitar que dali tenha vindo a inspiração para o clássico de Cardoso & Faletto, "Dependência e desenvolvimento na América Latina: Ensaio de interpretação sociológica", op. cit., ainda que



Não há, portanto, na obra clássica do Lenin sobre o *Imperialismo*, base para ligar subdesenvolvimento com exportação de capital. Mas que não se extaria daí que a exportação de capital é uma maravilha para os países que a recebem. A exportação de capital enreda, aprisiona o país receptor ao país exportador de capital. Mas trataremos disso mais à frente, no item política colonial. Por agora faremos apenas referência ao abaixo referido pelo Lenin:

<<É muito corrente que entre as cláusulas do empréstimo se imponha o gasto de uma parte do mesmo na compra de produtos ao país credor, em especial de armamentos, barcos, etc. ... A exportação de capitais passa a ser um meio de estimular a exportação de mercadorias. ... **O capital financeiro estende assim as suas redes, no sentido literal da palavra, em todos os países do mundo.** Neste aspecto desempenham um papel importante os bancos fundados nas colónias, bem como suas sucursais>> (p. 625).

A instalação de uma fábrica e/ou um empréstimo a um país vai enredando o país receptor do capital estrangeiro nas malhas do Imperialismo.

No entanto, antes de prosseguir no tema decomposição do capitalismo, cabe fazer referência aos vários tipos de imperialismo:

<<A gigantesca exportação de capitais encontra-se, no caso da **Inglaterra**, estreitamente relacionada com as colónias gigantescas, de cuja significação para o imperialismo voltaremos a falar mais adiante>> (p. 623).

<<Diferentemente é o caso da **França**, cujo capital colocado no estrangeiro se encontra investido principalmente na Europa, e em primeiro lugar na Rússia (10 mil milhões de francos pelo

estranhamente nela não haja qualquer referência, inclusive bibliográfica, ao Lenin. Tal observação não invalida a de Weffort citada no início deste texto sobre a impropriedade de se extrair uma teoria de desenvolvimento do texto do Lenin. Lenin é um texto destruidor do capitalismo. Cardoso & Faletto é um texto de certa forma otimista com o capitalismo, cabendo então a pergunta de Weffort: "teoria de classe ou ideologia nacional"?. Em um texto anterior argumentei que o governo FHC tinha sim inspiração na obra que ele escrevera com Enzo Faletto. Ver SOARES, Paulo de Tarso Presgrave Leite, **FHC esqueceu o que disse nos anos 1960/1970?**, IV Colóquio Latino Americano de Economia Política, São Paulo: FGVSP, 2004.



menos), com a particularidade de que se trata sobretudo de capital de empréstimos, de empréstimos públicos e não de capital investido em empresas industriais. Diferentemente do imperialismo inglês, que é colonial, o imperialismo francês pode ser qualificado de usuário>> (p.623).

<<A **Alemanha** oferece uma terceira variedade: as suas colônias não são grandes, e o capital colocado no estrangeiro está investido em proporções mais iguais entre a Europa e a América>> (p. 623).

No tema maquinações financeiras já tratamos dos pontos dos preços de monopólio, da exportação de capitais. Cabe agora tratar da política colonial.

A luta pelo controle das fontes de matérias-primas é central para o entendimento da política colonial. Disse o Lenin:

<<Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, quanto mais sensível se torna a **insuficiência de matérias-primas**, quanto mais dura é a concorrência e a procura de fontes de matérias-primas em todo o mundo, tanto mais encarniçada é a luta pela aquisição de colônias. <<Pode-se arriscar a afirmação – escreve Schilder -, que a alguns parecerá paradoxal, de que **o crescimento da população urbana e industrial, num futuro mais ou menos próximo, pode encontrar mais obstáculos na insuficiência de matérias-primas para a indústria do que na de produtos alimentares**>> (p. 637).

<<Para o capital financeiro não são apenas as fontes de matérias-primas já descobertas que têm importância, mas também as possíveis, pois a técnica avança, nos nossos dias, com uma rapidez incrível, e as terras hoje não aproveitáveis podem tornar-se amanhã terras úteis, se forem descobertos novos métodos (para cujo efeito um banco importante pode enviar uma expedição especial de engenheiros, agrónomos, etc.), se forem investidos grandes capitais>> (p. 638).

<<O mesmo acontece com a exploração de riquezas minerais, com os novos métodos de elaboração e utilização de tais ou tais matérias-primas, etc. etc. Daí a tendência inevitável do capital financeiro para ampliar o seu território econômico e até o seu território em geral>> (p. 638).



Isso ressalta a estreita ligação entre a exportação de capital e a política colonial:

<<Os interesses da exportação de capitais levam do mesmo modo à conquista de colônias, pois no mercado colonial é mais fácil (e por vezes só nele é possível) utilizando meios monopolistas, suprimir o concorrente, garantir encomendas, consolidar as <<relações>> necessárias, etc.>> (p. 638).

<<Estes monopólios adquirem a máxima solidez quando reúnem nas suas mãos todas as fontes de matérias-primas, e já vimos com que ardor as associações internacionais de capitalistas se esforçam por retirar ao adversário toda a possibilidade de concorrência, por adquirir, por exemplo, as terras que contêm minério de ferro, os jazigos de petróleo, etc. A posse de colônias é a única coisa que garante de maneira completa o êxito do monopólio contra todas as contingências da luta com o adversário, mesmo quando este procura defender-se mediante uma lei que implante o monopólio do Estado>> (p. 637).

<<faz parte da própria essência do imperialismo a rivalidade de várias grandes potências nas suas aspirações à hegemonia, isto é, a apoderarem-se de territórios não tanto directamente para si, como para enfraquecer o adversário e minar a sua hegemonia (para a Alemanha, a Bélgica tem uma importância especial como ponto de apoio contra a Inglaterra; para a Inglaterra, tem-na Bagdade como ponto de apoio contra a Alemanha, etc.>> (p. 643).

Há vários tipos de colônias:

<<O capital financeiro é uma força tão considerável, pode-se dizer-se tão decisiva, em todas as relações econômicas e internacionais que é capaz de subordinar, e **subordina realmente, mesmo os Estados que gozam da independência política mais completa**, como veremos seguidamente. Mas, compreende-se, a subordinação mais lucrativa e <<cómoda>> para o capital financeiro é uma subordinação tal que traz consigo a perda da independência política dos países e dos povos submetidos>> (p. 636).



<<Ao falar da política colonial da época do imperialismo capitalista, é necessário notar que o capital financeiro e a correspondente política internacional, que se traduz na luta das grandes potências pela partilha econômica e política do mundo, originam **abundantes formas transitórias de dependência estatal**>> (p. 639).

<<Para esta época são típicos não só os dois grupos fundamentais de países – os que possuem colônias e as colônias –, mas também as formas variadas de **países dependentes que, dum ponto de vista formal, político, gozam de independência, mas que na realidade se encontram envolvidos nas malhas da dependência financeira e diplomática**>> (p. 639).

<<Uma destas formas, a semicolônia, indicámo-la já anteriormente. Modelo de outra forma é, por exemplo, a Argentina. <<A América do Sul, e sobretudo a Argentina – diz Schulze-Gaevernitz no seu livro sobre o imperialismo britânico –, encontra-se em tal dependência financeira relativamente a Londres que quase a devemos qualificar de colônia comercial inglesa>>. ... Não é difícil imaginar as fortes relações que isto assegura ao capital financeiro – e à sua fiel <<amiga>>, a diplomacia – da Inglaterra com a burguesia da Argentina, com os círculos dirigentes de toda a sua vida econômica e política>> (p. 639).

Não é preciso nos estendermos sobre esse ponto, das colônias e das semi-colônias. Basta lembrar da vinda ao Brasil do então vice-presidente dos EUA, Joe Biden, pressionar pela entrega do Pré-Sal às empresas norte-americanas, da Lava Jato tentando destruir a Petrobrás como instrumento de política de desenvolvimento, da recusa a um projeto nacional-desenvolvimentista por uma elite colonial que prefere viver como o sapo no pântano, comendo moscas, do que como o leão, que leva a todos os candidatos de direita à presidência em 2022 a prometer privatizar a Petrobrás.

Chegamos então ao ponto que, como destacado por Weffort, foi um dos motivos fundamentais para Lenin tratar do imperialismo e escrever sua obra clássica. A exportação de capitais e a política colonial, uma vez que o mundo já estava totalmente partilhado, leva à guerra. As **guerras**



imperialistas são um traço característico da fase monopólica/imperialista do capitalismo:

<<O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, **começou a partilha do mundo pelos trusts internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes**>> (p. 642).

<<O capital financeiro e os trusts não atenuam, antes acentuam, a diferença entre o ritmo de crescimento dos diferentes elementos da economia mundial. E **se a correlação de forças mudou, como podem resolver-se as contradições, sob o capitalismo, a não ser pela força?**>> (p. 647).

<<no terreno do capitalismo, **que outro meio poderia haver, a não ser a guerra**, para eliminar a desproporção existente entre o desenvolvimento das forças produtivas e a acumulação de capital, por um lado, e, por outro lado, a partilha das colónias e das <<esferas de influência>> do capital financeiro?>> (p. 649).

Note-se que Lenin não coloca as guerras como algo externo, como um desvio indesejado do capitalismo e sim como algo inerente à fase monopolista do capitalismo:

<<**Os capitalistas não partilham o mundo levados por uma particular perversidade**, mas porque o grau de concentração a que se chegou os obriga a seguir esse caminho para obterem lucros; e repartem-no <<segundo o capital>>, <<segundo a força>>; qualquer outro processo de partilha é impossível no sistema da produção mercantil e no capitalismo>> (p. 631/632).

<<A força varia, por sua vez, de acordo com o desenvolvimento econômico e político; para compreender o que está a acontecer é necessário saber que problemas são solucionados pelas mudanças da força, mas saber se essas mudanças são <<puramente>> econômicas ou extra-econômicas (por exemplo, militares), é secundário e em nada pode fazer para variar a concepção fundamental sobre a época actual do capitalismo>> (p. 631/632).



<<**Substituir o conteúdo da luta e das transações entre os grupos capitalistas pela forma desta luta e destas transações (hoje pacífica, amanhã não pacífica, depois de amanhã outra vez não pacífica) significa descer ao papel de sofista**>> (p. 631/632).

<<sob o capitalismo não se concebe outro fundamento para a partilha das esferas de influência, dos interesses, das colônias, etc., além da força de quem participa na divisão, a força econômica geral, financeira, militar, etc. E a força dos que participam na divisão não se modifica de forma idêntica, visto que sob o capitalismo é impossível o desenvolvimento igual das diferentes empresas, 'trusts', ramos industriais e países>> (p. 664).

6. Principais traços do imperialismo: parasitismo do capitalismo

Já dissemos que dois são os traços principais da fase monopólica do desenvolvimento do capitalismo, o da decomposição e o do parasitismo. Tratemos agora do traço do parasitismo do capitalismo.

O imperialismo e a política colonial já existiam antes do capitalismo, assim o fundamental é saber distingui-los dos anteriores. No caso atual, disse o Lenin, ele é exercido pela associação dos grandes patrões, das grandes empresas, das empresas monopolísticas, que têm como característica a separação entre a propriedade e a gestão dessas empresas. O comando da produção passou a ser exercido por profissionais contratados. Não é por acaso que se louva tanto a profissionalização da gestão. Criou-se, então, uma camada de proprietários sem vínculos com a produção, uma camada privilegiada, uma **oligarquia financeira** parasitária que não vive do seu trabalho e sim dos lucros do capital financeiro, dos lucros obtidos com as maquinações financeiras operadas por aqueles profissionais contratados.

Um ponto relevantíssimo que disso se extrai é o da <desnecessidade> da propriedade privada. A tal profissionalização da gestão é, na realidade, a comprovação da irrelevância da propriedade privada dos meios de produção para a produção da vida.

Lenin, por um caminho diferente, mostrou aquilo que Marx tanto disse, que é mentira que a produção da vida exige a propriedade privada dos meios de produção.



A fase monopólica/imperialista do capitalismo não cria apenas uma camada privilegiada na burguesia. Ela cria também uma camada privilegiada no proletariado. Ela cria a **aristocracia operária**, aliada ideológica da oligarquia financeira e que, na época em que Lenin escreveu o *Imperialismo*, foi apoiadora da guerra. Disse o Lenin:

<<O imperialismo tem tendência para formar **categorias privilegiadas** também entre os operários e para as divorciar das grandes massas do proletariado >> (pp. 645/655).

<<gera a possibilidade econômica de **subornar as camadas superiores do proletariado, e alimenta assim o oportunismo**, dá-lhe corpo e reforço>> (p. 653).

Os lucros de monopólio, das maquinações financeiras, permitem aos profissionais contratados para gerir a produção oferecer benefícios especiais a uma camada de operários e os tornar aliados da camada parasitária proprietária das empresas monopolistas¹⁴. Os lucros de monopólio propiciam aos operários a ilusão de que são sócios dos capitalistas. A aristocracia operária não tem a luta de classes como instrumento da luta política pela sua emancipação, o objetivo dela é amenizar os conflitos no capitalismo¹⁵.

¹⁴ Cabe aqui a referência ao ponto colocado pelo Paulo Moreira Leite, **A outra história da Lava Jato: uma investigação necessária que se transformou numa operação contra a democracia**, São Paulo: Geração Editorial, 2015. O histórico corporativista de Lula & PT fez com que, ao assumirem o poder, dessem força às corporações. Deram força a uma corporação que, como mostrado por um instituto de pesquisas mineiro, é super conservadora, elitista, a corporação do judiciário. Registre-se que o reconhecimento do acerto desse ponto não significa diminuir a importância da ação do Império norte-americano na derrubada do PT e sim o ressaltar a aliança ideológica referida pelo Lenin.

¹⁵ Note-se então a incompatibilidade entre o leninismo, de um lado e, de outro lado, o petismo e o pedetismo. O motivo? Recorro ao Marx, no já referido *Ideologia alemã*, satirizando a corrente auto denominada <<socialismo verdadeiro>>. O que se pratica é o que se é e aquela corrente havia abandonado o fervor revolucionário. Ser leninista de verdade exige que não se abandone o compromisso com a revolução. O verdadeiro leninista pode até votar no PT ou no PDT, mas não pode aderir a eles, pois essa adesão implica a idolatria de pelegos, de políticos que, em última instância, amenizam a luta de classes e postergam a revolução proletária. O Bolsa-Família é uma versão tupiniquim do imposto de renda negativo, da renda mínima, cujo criador é o ideólogo mor do liberalismo, Milton Friedman e não uma conquista dos



No capitalismo monopolista surgem dois personagens que caracterizam essa fase de decomposição do capitalismo: a oligarquia financeira e a aristocracia operária.

7. Imperialismo: fase de transição para o socialismo

Lenin, em razão da decomposição e do parasitismo, típicos da fase monopólica, imperialista, do desenvolvimento do capitalismo, chamou o capitalismo de <<capitalismo agonizante>>, de <<capitalismo de transição>> para um regime superior. Ele assim descreveu o movimento dessa agonia:

248

<<A concorrência transforma-se em monopólio. Daí resulta um gigantesco progresso na socialização da produção.

Socializa-se também, em particular, o processo dos inventos e aperfeiçoamentos técnicos. Isto nada tem já que ver com a antiga livre concorrência entre patrões dispersos, que não conheciam e que produziam para um mercado ignorado>> (p.593).

<<Quando uma grande empresa se transforma em empresa gigante e organiza sistematicamente, apoiando-se num cálculo exacto numa grande massa de dados, o abastecimento de 2/3 ou 3/4 das matérias-primas necessárias a uma população de várias centenas de milhões; quando se organiza sistematicamente o transporte dessas matérias-primas para os pontos de produção mais cómodos, que se encontram por vezes separados por centenas e milhares de quilómetros; quando, a partir de um centro, se dirige a transformação sucessiva do material, em todas as suas diversas fases, até obter numerosas espécies de produtos manufacturados; quando a distribuição desses produtos se efectua segundo um plano único a dezenas e centenas de milhões de consumidores (venda de petróleo na América e na Alemanha pelo 'trust' do petróleo americano)>> (p. 670).

Segue-se daí que:

trabalhadores. É uma tentativa de evitar a explosão social, de não precisar matar o excedente populacional que, na sua fase de decomposição, o capitalismo gera.



<<percebe-se com evidência que nos encontramos perante uma socialização de produção, e não perante um simples <<entrelaçamento>>, percebe-se que as relações de economia e de propriedade privadas constituem um invólucro que não correspondem já ao conteúdo. **As relações de economia e de propriedade privadas constituem um invólucro que não correspondem já ao conteúdo**>> (p. 670).

<<O capitalismo, na sua fase imperialista, conduz à socialização integral da produção nos seus mais variados aspectos; arrasta, por assim dizer, os capitalistas, contra sua vontade e sem que disso tenham consciência, para um novo regime social, de transição entre a absoluta liberdade de concorrência e a socialização completa. **A produção passa a ser social, mas a apropriação continua a ser privada**>> (p. 593).

Em suma:

<<De tudo o que dissemos sobre a essência econômica do imperialismo deduz-se que se deve qualificá-lo de **capitalismo de transição** ou, mais propriamente, de **capitalismo agonizante**>> (p. 669).

Um capitalismo agonizante acentua a opressão sobre a vida das pessoas:

<<Os meios sociais de produção continuam a ser propriedade privada de um reduzido número de indivíduos. Mantém-se o quadro geral da livre concorrência formalmente reconhecida, e **o jugo de uns quantos monopolistas sobre o resto da população torna-se cem vezes mais duro, mais sensível, mais insuportável**>> (p. 594).

Considerações finais

Encerramos este texto chamando à atenção para o tema transição do capitalismo para um regime superior, para o socialismo. Destacaremos dois pontos.

Um primeiro ponto é a diferença entre Lenin e Marx quanto à decomposição do capitalismo.



Em Lenin, a livre concorrência e a superioridade da grande produção geram uma elevação da concentração e da centralização do capital que atinge seu ápice no monopólio e, conseqüentemente, uma queda na taxa de lucro que é compensada pelas maquinações financeira (aqui incluídos os preços de monopólio, as exportações de capitais a política colonial), desestimulando o progresso técnico, reduzindo o dinamismo do capitalismo.

Em Marx, o caminho é completamente diferente. Disse ele¹⁶ que o capitalismo caminha para sua dissolução porque o processo de socialização do trabalho, fruto da luta de classes, corrói suas bases. A luta de classes gera a substituição do trabalho direto pelas máquinas, coloca o trabalho direto em suspenso, faz com que a principal força produtiva seja a aplicação da ciência à produção, criando, desse modo, a inteligência social, o trabalhador coletivo. A luta de classes faz com que o trabalho seja cada vez mais social. A obtenção dos produtos não depende mais do trabalho direto do homem, do trabalho aplicado na produção e sim do trabalho das máquinas. Com o desaparecimento do trabalho direto do homem, não há mais sentido em haver a exploração do trabalho do outro, uma vez que as máquinas fazem quase tudo. O trabalho predominante é o de supervisão das máquinas. O volume da produção não tem mais relação com o tempo de trabalho e sim com a eficiência das máquinas. Assim, como no trabalho científico não há como mensurar a contribuição de particulares trabalhos, não há como mensurar a contribuição do trabalho de supervisão para obtenção do produto. Não há mais utilidade para a teoria do valor. Viabiliza-se um sistema em que se obtém de cada um segundo sua capacidade e que se distribui-se a cada um segundo sua necessidade¹⁷. Não há mais necessidade da propriedade privada dos meios de produção.

Lenin é um <<economista>>. Marx é um <<revolucionário>>. Cabe, ao Lenin, no "Imperialismo", a crítica que Marx, no "Manuscritos", fez à economia política: "As únicas rodas que o economista nacional (político) põe em movimento são a ganância e guerra entre os gananciosos, a concorrência" (p. 79). Lenin e Marx, sobre a degradação do capitalismo, caminhos absolutamente distintos. Diferentemente do trabalho do Marx, em que a luta de classes tem um papel decisivo, é o motor do processo, no

¹⁶ MARX, Karl. **Grundrisse: foundations of the critique of political economy (rough draft)**. London/New York: New Left Review/Penguin Books, 1977.

¹⁷ Ver, especialmente, MARX, Karl. **Crítica do Programa de Ghota**. São Paulo: Boitempo, 2012.



trabalho em tela do Lenin, a luta de classes não tem um papel a ser desempenhado, só pode ser introduzida de fora, é exógena, é *ad hoc*¹⁸.

Não há incompatibilidade entre as análises de Lenin e de Marx. Elas convivem sem atritos. Mas frente a um ponto tão importante, como esse das indicações sobre o fim do capitalismo e sua substituição pelo socialismo ou pela barbárie, cabe fazer referência a uma terceira perspectiva igualmente não contraditória às duas anteriores.

Ainda que reconhecendo que há em Marx e em Engels citações suscetíveis de uma interpretação como a de Bukharin, que atribui uma posição determinante à tecnologia para a explicação do desenvolvimento social, Gyorg Lukács, no "Tecnologia e relações sociais"¹⁹, diz que tal interpretação se aproxima perigosamente do que Marx chamou de materialismo burguês. A identificação entre técnica e forças produtivas não é válida nem marxista e leva ao fetichismo, uma vez que transforma a técnica em um princípio transcendente²⁰. O fundamento para essa crítica de Lukács talvez esteja no Manifesto do Partido Comunista, onde Marx & Engels²¹ afirmam que a burguesia estava se revelando incapaz de continuar a exercer seu domínio por muito mais tempo, incapaz de impor à sociedade, como lei suprema, as condições de existência de sua classe, pela incapacidade para assegurar ao seu escravo (proletário) a própria existência no quadro da escravidão (assalariamento). Assim, a burguesia estava se afundando em uma situação em que tem de ser ela a alimentar seu escravo/proletário ao invés de ser alimentada por ele²².

Cabem aqui duas observações. Uma delas é que, nessa perspectiva ressaltada por Lukács, o Imposto de Renda Negativo, criado pelo ideólogo mor do liberalismo, Milton Friedman, cuja versão tupiniquim é o Bolsa-Família, talvez seja mais um prenúncio do fim do capitalismo, que será substituído pelo socialismo ou pela barbárie. A outra observação diz respeito

¹⁸ Cabe aqui chamar a atenção para o ponto tratado por Lucio Colletti, em **Marxism: science or revolution?**, in From Rousseau to Lenin: studies in ideology and society. New York/London: Monthly Review Press, 1974, o de que o marxismo quando é ciência, não pode ser revolucionário e vice-versa.

¹⁹ LUKÁCS, Gyorgy, **Tecnologia e relações sociais**, in Bukharina: teórico marxista, Belo Horizonte: Oficina de livros, 1989.

²⁰ Lukács, Tecnologia e relações sociais, pp. 44/46

²¹ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998

²² Marx & Engels, Manifesto do Partido Comunista, p. 19.



ao tipo de competição enfatizado nas interpretações acima referidas. Enquanto a interpretação de Lenin, no *Imperialismo*, foca na competição entre os capitalistas, as de Marx (*Grundrisse*) e de Lukács (*Tecnologia e relações de produção*)/Marx&Engels (*Manifesto do Partido Comunista*) focam na competição entre burguesia e proletariado, na luta de classes.

Ainda no tema transição do capitalismo para um regime superior, um segundo ponto, correlato ao anterior, é quanto ao destino do capitalismo, mais especificamente quanto ao tom otimista, determinista, religioso, místico, da obra do Lenin sobre o Imperialismo.

Ao que parece, nem sempre foi assim. Houve uma época em que o tom otimista, determinista, finalista, ao que parece, decorria fundamentalmente do trabalho de agitação e propaganda. Lenin não era um acadêmico. Ele estudava o real, elaborava análises teóricas, com a finalidade última a de encontrar a bandeira política correta para fomentar a revolução proletária. Como todo texto teórico era simultaneamente um texto de agitação e propaganda, é evidente que a tônica no clássico "Imperialismo: fase superior do capitalismo", um ensaio popular, fosse a de apresentar a fase monopólica como a última fase do desenvolvimento do capitalismo, como uma fase de transição, como a antesala do socialismo. O texto, não é demais repetir, servia para explicar a guerra, denunciar a aristocracia operária e emular o proletariado para a revolução que, defato aconteceu em 1918.

Para tratar desse ponto, vamos recorrer ao famosíssimo "Quem são os amigos do povo"²³. Nele há dois Lenin. Há um Lenin que diz que a transformação da economia capitalista em economia socialista nada tem a ver com a dialética hegeliana. A dialética era usada por Marx apenas como forma de expressar-se e não como método de análise²⁴. Respondendo à afirmativa de que Marx se apoiava na dialética, disse o Lenin que estávamos diante da vulgar acusação de que o marxismo aceita a dialética hegeliana, uma acusação dos críticos burgueses de Marx que parecia já bastante desgastada. Incapazes de opor algo substancial à doutrina do Marx, aqueles senhores críticos burgueses se agarravam à maneira de se expressar do Marx e atacavam a procedência de sua teoria, querendo assim solapar a sua essência. O que Marx e Engels chamavam de dialética nada tinha a ver com

²³ LENIN, V. I. **Quienes Son Los 'Amigos Del Pueblo' Y Co-mo Luchan Contra Los Socialdemócratas?: Respuesta A Los Artículos De Russkoie Bogatstvo Contra Los Marxistas**, Escritos Económicos (1892-1899), vol. II, 2a.ed., Madrid/Mexico, Siglo Veintiuno, 1979

²⁴ Lenin, Quienes Son Los 'Amigos Del Pueblo', p. 16.



as tríades de Hegel. O termo dialética era usado como forma de enfatizar a diferença com o método metafísico²⁵. A coincidência entre o desenvolvimento de algum fenômeno social e o esquema hegeliano de tese-negação-negação da negação era um fato corriqueiro que não tinha nenhuma relevância para o marxismo²⁶.

Nesse mesmo “Quem são os amigos do povo”, no entanto, há um segundo Lenin. Há o Lenin que disse que a sociologia só atendeu ao critério científico da necessidade de repetição dos fenômenos quando o materialismo deu um salto de qualidade, reduzindo as relações sociais às relações de produção e estas às forças produtivas que, em permanente desenvolvimento, desenvolvem a organização social mercantil até sua transformação em organização capitalista e a necessidade de sua transformação em outra em outra relação social de produção, criando as classes antagônicas²⁷. No segundo Lenin o movimento do conceito, forças produtivas, o permanente movimento do conceito, cria as classes antagônicas, cria a transformação do real, de organização social mercantil em organização social capitalista. O movimento do conceito cria o movimento do real, tal como na dialética²⁸.

Lenin, no “Quem são os amigos do povo”, revela um desconhecimento do que é a dialética. Não é de se espantar, portanto, que, posteriormente, em 1914/1915 quando estudou Hegel profundamente, ele tenha se encantado, pois viu aquilo que escrevera anteriormente. Lenin então, erradamente, enfatizo eu, disse²⁹ que não se podia compreender

²⁵ Note-se aqui o desconhecimento de Lenin sobre o que Marx dizia nos escritos dos anos 1840, de que dialética era metafísica. Ver, especialmente, MARX, Karl, **Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do sr. Proudhon**, Hemus, 2008, p. 92. Tal ponto também está presente no **Crítica da filosofia do direito de Hegel: crítica dos parágrafos 261 ao 313 da obra de Hegel**, São Paulo: Boitempo, 2005 e no **A sagrada família ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**, São Paulo: Boitempo, 2011.

²⁶ Lenin, *Quienes Son Los 'Amigos Del Pueblo'*, p.43

²⁷ Lenin, *Quienes Son Los 'Amigos Del Pueblo'*, pp.15

²⁸ Não cabe aqui entrar na discussão posta pelo Lucio Colletti, **Marxismo y dialéctica**, in *La cuestión de Stalin y otros escritos sobre política y filosofía*, Barcelona: Editorial Anagrama, 1977, de que a dialética só existe nos conceitos, de que a dialética da matéria já está toda contida em Hegel, não em oposição ao idealismo e sim como instrumento e meio do idealismo.

²⁹ LENIN, V. I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011, na capa externa do fim.



plenamente o *Capital*³⁰, particularmente seu primeiro capítulo, sem se ter estudado e compreendido toda a lógica de Hegel³¹. Assim, o *Imperialismo* foi escrito (em 1916) quando Lenin já estava sob forte influência hegeliana. Daí que não é nítido se o otimismo, se o finalismo, a religiosidade nele contido é fruto dessa influência ou se ainda decorre da ligação umbilical entre análise teórica e agitação e propaganda, uma vez que não há incompatibilidade entre ambas.

O que muda é que a revolução se torna uma evolução da razão em busca da autossuficiência, o comunismo deixa de ser um processo e se torna o paraíso prometido aqui na terra, a revolução deixa de ser uma necessidade prática imediata a La Marx, adquirindo assim um caráter místico e daí o tom otimista, determinista, finalista, religioso. De qualquer forma, isso em nada diminui a relevância da obra do Lenin sobre a fase imperialista do capitalismo para a nossa compreensão da vida sobre o domínio do monopólio, da acentuação da opressão da sociedade burguesa.

Recebido em 08 dez. 2021 | aceite em 17 dez. 2021.

³⁰ MARX, Karl . **O Capital: crítica da economia política**, Livro I, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

³¹ O equívoco desse entendimento compartilhado pelo Lenin está sendo tratado por mim no Canal do Youtube denominado **MARX – SEM ILUSÕES** e na monografia de conclusão de curso de economia na FEA/USP, do Thiago Lastruci de Oliveira França, **Um estudo das raízes kantianas da crítica da economia política**, mimeo, FEA/USP, 2021.

